

Werk

Titel: Tradições populares açorianas

Autor: Lang, Henry R.

Ort: Halle

Jahr: 1890

PURL: https://resolver.sub.uni-goettingen.de/purl?345572572_0013|log46

Kontakt/Contact

[Digizeitschriften e.V.](#)
SUB Göttingen
Platz der Göttinger Sieben 1
37073 Göttingen

✉ info@digizeitschriften.de

Tradições populares açorianas.

Reuno aqui mais alguns materiaes de folk-lore insulano, a maior parte dos quaes foram colligidos de pessoas naturaes do Fayal.

I. *Cantigas populares.*¹

- | | |
|--|---|
| 1 Chama-Rita, vae-te andando,
Caixinhas ao mar deitando,
Com as azinhas abertas,
Com o bico repenicando. | 8 Não quero amor pedreiro
Que dá co' picão na pedra.
Quero amor sapateiro
Que faz botinhas de queda. |
| 2 Cantas bem, não cantas mal,
Garganta d'um seraphim.
Oh! que lindo peito d' aço
P'ra se plantar um jardim! | 9 Os olhos do meu amor.
São duas pernas d'um ramo.
Fechadinhos á franceza,
Sempre abertos ao desenganho. |
| 3 Obrigado, a lisunja ² ,
A lisunja lhe agradeço.
Debaixo d'essa lisunja
Meu coração lhe offereço. | 10 Lá vem a lua saindo,
Redonda como um botão,
Lá vem aquella menina
A quem dei meu coração. |
| 4 Quem será esta senhora
Vestida d' azul celeste;
Certamente é da cidade,
Corpinho que tão bem veste. | 11 Lá vem a lua saindo,
Redonda como uma bola,
Lá vem a Virgem Maria,
S. José com uma viola. |
| 5 Cada vez qu'eu p'ra ti olho,
P'ra tua revél ³ cintura,
Entrego minha alma a Deus,
Meu corpo á sepultura. | 12 O, luar, acompanhai-me,
D'aqui ás janellas verdes,
Qu'eu ando cego d'amores,
Não vejo senão paredes. |
| 6 Quem não vio seu amor
Logo á segunda feira,
Tenho de toda a certeza
Que leva a semana inteira. | 13 Deitei um limão correndo,
A' tua porta foi ter,
Mandaste-me um bocado d'elle,
D'elle estou para morrer. |
| 7 Amor perfeito plantado
Em qualquer parte enverdece.
Só em peito d'homem vil
Amor perfeito fenece. | 14 Atirei c'uma laranja,
A' janella d'um morgado,
Matei uma morgadinha,
Ai Jesus, estou condenado. |

¹ Os numeros 1—16 e 45—49 foram-me communicados por uma senhora fayalense; os outros por uma mulher do Pico.

² *Lisunja* ouve-se frequentemente em vez de *lisonja*. Cf. *liginjando* in *Revista lusit.* para 1887, p. 106.

³ *Revél* por *rebelde*.

- 15 Atirei c'uma laranja
Da rua Nova ao Caes,
Para ver se m'esquecia,
Cada vez me lembra mais.¹
- 16 Quem me dera ser pombinha
Com as azas de papel,
Que fora dar um beijo
Na face de Manuel.
- 17 O picão nasce da silva,
A silva nasce do chão,
A vista nasce dos olhos,
O amor do coração.
- 18 Por muito que t'eu quero,
Póde-me Deus castigar,
Pensa qu'ò vento que venta,
Que te leva pelo ár.
- 19 Não m'importa que tu (es)tejas
Contra meu peito reinando²,
Que essas tuas carranquinhas
Para mim me estão recreando.
- 20 Nao sei que fiz ao bem,
Qu'anda como o navoeiro³,
Que não vem á nossa casa,
Como vinha de primeiro.
- 21 Madre-silva pompalosa,
Amargosa na raiz,
Não te gaves que me deixastes,
Que eu fui a que te não quiz.
- 22 Deixastes-me a mim por outra,
Não te deixei por ninguem;
Graças a Deus para sempre,
Que ha mal que vem p'ra bem.⁴
- 23 Deixastes-me a mim por outra,
Paciencia, coração.
Achavas outra bella,
Mais que a mim, não.
- 24 Deus me dera um caminho
Por baixo d'este chão,
Fallava ao meu amor,
Sem haver murmuração.
- 25 A flor da fava é branca,
De noite mete pavor.
- Quem me quiz bem n'algun tempo,
Ainda m'ha-de ter amor.
- 26 Tomai-lá este limão,
Não digaes quem vol-o deu.
Guardai-o bem guardadinho,
Que atraz do limão vou eu.
- 27 As ondas do mar lá fóra
Ao longe parecem velas,
Coitadinho de quem tem
Os seus amores além d'ellas.
- 28 Perguntais-me de quem sou,
Qual a minha geração.
Sou filha dos meus primores,
Minhas obras o farão.
- 29 Atraz da lua vem agua,
Atraz do sol vem o vento,
Atraz das tuas passadas
Corre este meu pensamento.
- 30 Saudades são seguras,
Suspiros ardente sete,
Ausencias são tyrannias
E presenças flores abertas.⁵
- 31 Quando olho para o mar,
Peço a Deus paciencia,
Para poder suportar
Tão triste cruel ausencia.
- 32 Menina, pedei a Deus,
Que eu peço a S. Vicente
Que nos ajuntemos ambos
N'uma casa para sempre.
- 33 Pelo céo vae uma nuvem,
Cortou a flor ao gervão;
Quem não quer que o mundo falle
Não lhe dê occasião.
- 34 Pelo céo vae uma nuvem,
Todos dizem: bem na vi.
Todos fallam e marmuram⁶,
Ninguem olha para si.
- 34 Eu sou uma rocha firme,
D'onde as ondas bate⁷ e dão;
Eu não mudo de projecto,
Eu não sou fingida, não.

¹ Cf. Marin, *Cantos pop. esp.* II 368.

² *Reinar* diz-se muitas vezes por *raivar*.

³ *Navoeiro* é pronuncia bastante commum em vez de *nevoeiro*.

⁴ Um adagio diz: Ha males que vem para bem.

⁵ Cf. Braga, *Cantos do Arch. açoriano*, p. 72.

⁶ *Marmurar* pronuncia-se frequentemente por *murmurar*.

⁷ *Bate* em vez de *batem* e casos analogos são communs na falla rapida.

- 36 A lima azeda demuda,
Eu não nunca me demudei;
Sempre fostes o meu bem.
Sempre por ti suspirei.
- 37 No meio do meu quintal
E' o brio dos estudantes.
Uma parreirinha d'uva
Cercada de diamantes.
- 38-9 Papagaio penna verde,
De bico dourado,
Leva-me esta carta
Ao meu namorado.
Qu'elle não frade,
Nem homem casado,
E' um rapaz solteiro
Bonito como um cravo.
- 40 Semei no meu quintal
Esporas de cavalleiro.
Quem quizer fazer escarne¹,
Faça de si primeiro.
- 41 O anel do vosso dedo
Ha-de ser d'ouro batido,
A chave para o abrir
Ha-de ser o meu sentido.
- 42 O mesmo ai² que respiro,
Quer o meu bem respirar.
Eu não vivo para o mundo,
Vivo só para te amar.
- 43 De que serve eu dar ais,
Senhora Sta. Luzia,
Se eu não veja um bem que adoro,
Todas as horas do dia?
- 44 De que serve eu dar ais,
Romper o céu com suspiros?
Não ha quem se compadeça,
Dos meus ais entemecidos.
- 45 Que lindo botão de rosa
Que aquella roseira tem!
Acima ninguem lhe chega,
Abaixo não vae ninguem.
- 46 O meu amor é um anjo,
A Deus do céu agradeço.
Já m'o quizeram comprar.
Anjos do céu não tem preço.
- 47 A senhora impanatrins
'Stá mettida n'uma alhada.
Aqui fóra já me cheira
A sopa da madrugada.³
- 48 Aque⁴ del rei peixe-frito,
Acoda-me aqui pão quente,
Com uma garrafa de vinho,
Outra meia d'aguardente.⁵
- 49 Sto Amaro já é velho,
De velho cahio-lhe os dentes.
Culpa tiveram as moças,
Que lhe deram pápas quentes.

II. Orações.

I. De Sta Barbara.⁶

Santa Barbara, luz divina,	Que a menina que era Santa
Perola tão estimada,	E que ao céu subiria.
Quando no mundo nascestes	O pae para não dar logar
Logo devoção tomastes,	Ao cabo de dignidade,
Com o filho de Deus fallastes,	Disse-me, agora, filha minha,
Com elle nos consolastes.	Com quem estais despozada?
Vosso pae como gentio,	A filha logo lhe disse:
Rouxinol que lhe dizia,	Com Jesus, pae da minha alma.

¹ O povo diz *escarne* por *escárneo*.

² Assim disse a mulher de quem foi colhida esta cantiga. Devia ser *dr*.

³ Diz-se na festa do Espirito Santo para dar a entender á donna da casa que é tempo de distribuir a sopa.

⁴ O *e* n'esta palavra pronuncia-se como o *a* átono, surdo de *cousa* representado por *ç* na notação de R. G. de Vianna in *Romania* XII 31.

⁵ Dizem isto quando estão *balhando* (bailando) e querem dar a entender que já estão com fome.

⁶ Cf. Braga, *Cantos do Arch. açoriano*, p. 154—5.

O pae logo tratou	Barbara santa, padece,
De a mandar degolar.	E deixa-te degolar.
A filha não quiz obedecer,	O trovão, facha de fogo,
Sem do céu vir embaixada.	A teu pae ha-de abraçar.
Viera um anjo do céu,	Logo no primeiro trovão
Com todo o seu cuidado:	Stª Barbara foi coroada.

2. De Stª Isabel.

Snra. Sta. Isabel,	Que tal paz ordenou.
Que aos pobres agasalhavas,	Desde a hora em que nasceu,
Com aos vossas santas mãos	Até que Deus a creou.
Esmolas lhe apresentavas,	Subira a cima a sala,
Pelos thesouros que haviam	Vira estar um peregrino
O rei vos era encontrado.	Mui doente, mui chagado.
Senhora que levais á mochilha (= mo-	Senhora se humildou,
chila)?	No seu regaço o tomou.
Dinheiro me parece.	Seu cortinado arredou,
Como de antes a via,	Na sua cama o deitou.
A Senhora se humildou,	Um senhor crucificado
Seu regaço lhe mostrou,	Muito formoso se achou.
Uma capella de rosas,	Bem dita seja a santa
Mui formosa se achou.	Que tal paz ordenou.
Bem dita seja a Santa	

3. De Stª Catherina.¹

Beata Stª Catharina,
 Apresentae a vossa oração,
 Dizei quem vos fez tão digna
 Acabada em perfeição.
 Nada fostes vos, senhora,
 Na cidade d'Alexandria
 Nada com muita alegria.
 Ainda hoje vos festejam, rainha sedes, senhora,
 Filha d'el-rei poderoso, deixaste o estado do mundo.
 Gozaste o glorioso mostrando-vos á carreira
 Clara, limpa e verdadeira.
 Jesu Christo adoraste e a doutores convertestes,
 Tres dias estivestes fechada no cárcere.
 Sem comer nem beber nem alimento algum.
 Ao cárcere vieram ver com grande furia e furore,
 E navalhas ao redore,
 Mas quiz o redentore
 Que passasse taes tormentos.
 Mandou vir anjos dos céos quebrar rodas e navalhas.
 Onze mil e quinientos morreram d'aquella morte.
 Sra Stª Catherina tal ouviu.

¹ Cf. Braga, l. c. p. 155.

Seus joelhos poz em terra,
 Suas mãos levantou ao céu,
 E disse: Senhor e Senhora,
 Quem minha oração disser,
 O escrita a trazer,
 Do mar não serão alagados,
 Nem do fogo abrazados.
 Mas treze dias antes da sua morte
 Verão a S^{ra} S^{ta} Catherina,
 E tudo o que lhe pediram
 Conseguirão. Amen.

4. De S. Roque.

Na ilha do Pico dizem as velhas quando desejam mais agua:

Snr. S. Roque.
 Cada pingo um pote.
 Snr. S. Beato
 Fazei muito vento.

5. Contra o máo tempo.

Stó. Estio, estiai,
 St^a Clara, esclareai;
 St^o Antonio, mandai sole,
 Para enxugar o teu lençole.

6. Regra de persignar-se.

A obrigação que nos temos,
 Todos os dias que amanhãemos¹,
 É de fazer tres cruces.
 A primeira na testa
 Para que Deus nos livre dos máos pensamentos,
 A segunda na boca
 Para que Deus nos livre das más palavras,
 E a terceira no peito
 Para que Deus nos livre das más obras
 Que nascem do coração.

III. *Jogos infantis.*1. Jogo da viuva.²

a) Diga-me, senhora viuva,
 Com quem quer casar

¹ O povo diz commummente *amanhãcer* por *amanhecet*, como se o verbo proviesse de *amanhã*.

² Cf. F. A. Coelho, *Jogos e rimas infantis*, p. 65—6; Braga, *O povo portuguez* I 319.

Se com o snr. da relva³

Ou com o snr. general.

- | | |
|--|---|
| b) Eu não quero esse homem,
Que não me pertence a mim,
Sou uma triste viuvinha,
Tenham todos dó de mim. | c) Sou uma viuva
Que vem de Belem,
Quero-me casar,
Não sei com quem.
Nem com este,
Nem com este,
Será com este. |
|--|---|

2. Jogo do pésinho.

- | | |
|--|--|
| a) Menina,
Menina,
Ponha o pésinho
Ponha aqui,
Ao pé do meu,
Cada qual,
Cada qual
Fica com o seu. | b) Menina,
Menina,
Ponha o pésinho,
Ponha aqui,
Ponha aqui,
Toca não toca.
Ao tirar
Do seu pésinho
Não toque
Na minha bota. |
|--|--|
- c) Ponha aqui,
Ponha aqui
O seu pésinho.
Ponha aqui
Ponha aqui
Com tal contracto
Que o bico
Da sua bota
Não toque no meu sapato.¹

3. O jogo da praia.

Este jogo é muito semelhante com o do pésinho. Os rapazes e raparigas vão todos de braço dado cantando:

Vamos á praia, menina.
Vamos á praia pescar.
Vamos ver a barca nova
Qu'está para se acabar.

4. Cabra cega.²

- | | |
|--------------------|----------------------------|
| Cabra cega | Dá-me d'ella. |
| Donde vens? | Não tenho tigella. |
| Venho do moinho. | Pega lá estas pancadinhas, |
| Que é que trazes? | E vae em cata d'ella. |
| Farinha e farello. | |

³ *Snr. da relva* chama-se ao que tem a seu cargo uma relva.

¹ Cf. F. A. Coelho, *l. c.* 64—5.

² Cf. F. A. Coelho, *l. c.* 50—51; Braga, *l. c.* I 302—4.

5. Jogo da berlinda.

Uma criança senta-se para o lado n'uma cadeira; outra vae de roda perguntar ás outras: Aquella senhora, por que está na berlinda? Ouve as respostas em segredo. Depois dirige-se á que está na berlinda e diz-lhe em voz alta tudo quanto ouviu em segredo, mas não dando o nome de nenhuma. A da berlinda escolhe qualquer dos dictos e diz que a que o disse: „venha para o seu logar.“

Este jogo, como já se vê, é parecido com o frances chamado *la sellette*.

6. Jogo do santeiro.¹

Barba barbideira,
Boca comideira,
Nariz narisete,
Olhos periquetos,
Passa lá, que são massanetos.

IV. *Rimas infantis.*

- | | |
|---|---|
| 1. Serra compadre,
Serra comadre,
Serra filhinha
P'ra sua gatinha. ² | 3. Meio-dia,
Panella ao-lume,
Barriga vasia. ⁴ |
| 2. Quem dá e tira,
Nasce uma jiga.
Quem dá e toma,
Nasce uma marroma. ³ | 4. Vae-te embora, papão negro,
Para cima do telhado.
Deixa dormir o menino,
Seu somnino descançado. ⁵ |

V. *Dialogo com um surdo.*

Conta-se que um surdo estava sobre uma parede abeira da estrada apanhando vimes, quando passando um compadre seu travou-se entre elles o seguinte dialogo:

1. Adeus, meu compadre!
Meu compadre, coma⁶ 'stá.
2. Estou apanhando vimes.
1. Coma 'stá minha comadre?
2. P'ra fazer um cesto.
1. Ara⁷, vá meu compadre á fava (bugiar)
2. P'ra pequena levar á mestra.

¹ Cf. Coelho, l. c. 53; Braga l. c. 226.

² Cf. Braga, l. c. 539.

³ Censura-se assim a costumbre de reclamar o que se ha dado. Cf. *Archivio delle tradiz. pop.* 1882, p. 571.

⁴ Dizem isso commumente as crianças no Fayal ao ouvirem tocar o sino.

⁵ Cf. *Revista do Minho* para 1885, p. 86.

⁶ No povo diz-se frequentemente *coma* por *como*. Cf. J. Leite de Vasconcellos, *Tradiç. pop.* p. 185.

⁷ *Ara* ouve-se muitas vezes por *ora*.

VI. *Adivinhas.*

- | | |
|---|---|
| 1. A atafona.
Estou aqui n'esta cantinha,
Onde todos me vem ver, | Mastigo e deito fóra,
Engulir não póde ser. ⁸ |
| 2. O peão.
Não posso andar sem capa,
Com capa não posso andar.
Para andar me deitam a capa,
Para andar me tornam a tirar. | Cada canto tem seu gato,
Cada gato vê tres gatos,
Quantos gatos vem a ser?
4. O machado.
O que é uma coisa
Que chega ao mato
E dá um barro? |
| 3. Tres gatos.
Uma casa tem quatro cantos, | 5. A corda.
O que é uma coisa
Que vae para o mato escolhido,
Chega lá e estende-se? |

VII.

- | | |
|---|--|
| 1. Fevereiro levou a mão
Acima do outeiro,
E deixou-a lá
De dentes arreganhados. | 5. 22 de Julho:
Madanêla escreveu
Uma carta a Jesu Christo,
O portador que a leva
É o padre S. Francisco.
O fradinho vae descalço,
Vestidinho de burel;
Vae levando
As cinco chagas
Ao divino Manoel. |
| 2. Março é igualaço,
Anoitece ás seis,
E amanhece ás seis. | |
| 3. Março, Marçagão.
Pela manhã nariz de cão,
A tarde sol de verão. ¹ | |
| 4. Dos Santos ao Natal
É inverno natural. ² | |

VIII. *Fórmulas e dictos populares.*

- | | | |
|--|--|---|
| 1. Viva a senhora Ri-
tinha ³ ,
Carinha de maça crua,
Quando se põe á janella,
Allumia toda a rua. ⁴ | 2. Minha mana Thoma-
sinha ³ ,
Como a pellice da
codorniz,
Por diante mostra graça,
Por traz franze o nariz. | 3. A Vincencia Rosa ³ ,
Assim ficou sem jan-
tar,
Esperando pelas sopas
Que lhe avevas de
mandar.
Peça a Deus que o cabelo não
lhe cresça. ⁶ |
| 3. É um presente
D'abobora quente. ⁵ | 6. Quem perdeu o que eu achei,
No canal da Graciosa,
Um anel de sete pedras, | |
| 4. Então, então —
— Sardinhas com pão (feijão). | | |
| 5. Quem tem c'rôa na cabeça | | |

⁸ Cf. a adivinha da tesoura na *Revista do Minho* para 1888, no. 4.¹ Cf. *Archivio delle tradiz. pop.* III 451. ² Cf. *Anuario* para 1882, p. 1-16.³ Dizem-se isso as mulheres quando estão zangadas. A segunda e terceira cantiga foram colhidas de uma mulher do Pico.⁴ Pela linguagem cf. Braga, *Cancioneiro portuguez* II 155.⁵ Diz-se de um presente de pouco valor. ⁶ Cf. *Revista lusit.* 1887, p. 271.

- Da snra. donna Rosa.¹
7. Saudades de toucinho,
Mataram a nossa porca,
Chorae agora, leitens.²
Que a vossa mãe já é morta.³
8. Forte pena,
Morreu o pae á pequena.⁴
9. Ai que desgraçia,
Morreu o pae á Engracia.⁴
10. Quantas horas são?
Falta dez-reis
Por meio tostão.
11. Qué horas são?
Horas de comer pãõ.
12. Qué horas são?
As mesmas que hontem por estas
horas.⁵
13. E o depois?
Ficaram as vaccas e foram-se os
bois?⁶
14. Paciencia.
Morreu o pae á Vicencia.
15. Se eu hei de morrer,
Morra o meu pae que é o mais
velho.⁷
16. O alfaiate das encrusilhadas
Talha e põe linhas de sua casa.⁸
17. Nem uma, nem duas.
Se quer cortar,
Corte as suas.⁹
18. Sapateiro-mangaleiro,
Lava as tripas do carneiro.
Bem lavadas, mal lavadas
Dá-lhe com ellas na cara.¹⁰
19. Teresa, pandoresa,
- Barre a casa, põe-na mesa,
Que ahí vem teu pae
Com a barba tesa.
20. Maria, vá por aqui e por colá,
Enxota aquella porca par'cá.¹¹
21. Magalhães
Esfolha gatos
E mata cães.¹²
22. Maria, vae entre as outras;
Se não cantar, ha de balhar.
23. — Como está?
— Muito doente
Com a sua ausencia.
24. Faz favor d'entrar;
Se levar com páo, ha-de des-
culpar.¹³
25. Deus te ajude,
Deus te acrescente,
Deus te livre
Da má gente.¹⁴
26. Viva o senhor padre cura,
Com a sua barriga dura.
27. O padre quando namora,
Logo põe na mão na corôa
Namora, padre, namora,
Que o santo padre perdoa.
28. Busano, busano,
Bota a lingua de fóra,
Senão, eu mato-te.¹⁵
29. Estou aqui a saboucare,
Sem nunca me lembrar.
30. O que é, o que é
— Stà na cartilha adiante do pé.
31. Papagaio real,
Para Portugal,

¹ Cf. ib. p. 270.

² *Leitens* diz-se frequentemente em vez de *leitões*.

³ Diz-se quando alguém está com saudades de qualquer cousa.

⁴ Cf. *Revista lusit.* 1887, p. 272. ⁵ cf. ib. p. 271. ⁶ cf. *ibid.*

⁷ O sentido d'este dictado é parecido com o do hespañol: Allá darás, en cas de Tamaio.

⁸ Diz-se de um homem que tem má ventura.

⁹ Tem relação com o conto das orelhas. Cf. Braga, *Contos trad.* I 218.

¹⁰ Cf. *Revista lusit.* para 1887, p. 271.

¹¹ Diz-se quando se manda a uma pessoa fazer qualquer cousa.

¹² Cf. *Revista lusit.* para 1887, p. 271.

¹³ Cf. O allemão; Herein! Es wird doch kein Geisbock sein.

¹⁴ Diz-se quando alguém expirra.

¹⁵ *Busano* chama-se nos Açores ao mollusco gasteropodo denominado *littorina littorea*,

- | | |
|--------------------------------------|------------------------|
| Quem passa | Foram lá duas meninas; |
| É o rei que vae á caça. ¹ | Vieram quatro. |
32. S^{to} Amaro é velhaco

IX. *Adagios.*

1. Quem o alheio veste, na praça o despe.²
2. Amor com amor se paga.
Quem não anda, não mandunga.³
3. O barato sae caro.
4. Onde entra o beber, sae o saber.
5. O que dá o berço, só a cova tira.⁴
6. Pela boca é que se aquece o forno.
7. Bodião em janeiro, val um carneiro.
8. Calças brancas em janeiro, falta de dinheiro.
9. A cada canto, seu Espirito Santo.⁵
10. Santos de casa, não fazem milagros.
11. O casamento e a mortalha no céu se talha.
12. O cão e o menino vão para onde lhe fazem o mimo.
13. Não ha cego que se veja nem torto que se conheça.
14. Na terra dos cegos, quem tem um olho é rei.⁶
15. A boda nem a baptizado não vás sem ser convidado.
16. Ao correr da carruagem não se vê quem vae dentro.
17. Antes estar ao pé do cru do que do nú.⁷
18. A rico não devas, e a pobre não prometas.
19. O diabo não é tão feio como o pintão.⁷
20. Quem diz o que quer ouve o que não quer.
21. Quem espera, desespera.
22. Cada falla da festa como lhe vae n'ella.
23. Em casa de ferreiro, espeto de páo.
24. Gato escaldado d'agua fria tem medo.
25. Gato miador, não é bom caçador.
26. Onde está gallo, não canta gallinha.
27. Quem joga ás cartas, não vigia patas.
28. Quem leve vae, leve vem.⁹
29. Quem dá o limão, dá o coração.
30. Longe da vista, longe do coração.
31. Lua deitada, marinheiro em pé.

¹ Cf. J. Leite de Vasconcellos, *Tradições pop.* p. 162.

² Cf. o hespanhol; Al que de ajeno se viste, en la calle lo desnudan.

³ Cf. Quem não trabuca, não manduca; fôrma mais antiga do nosso proverbio que é tambem empregada nos Açores.

⁴ O hesp. diz: Mudar costumbre es a par de muerte.

⁵ Cf. Braga, *O povo portuguez* II 286. Este proverbio applica-se muitas vezes a qualquer cousa em demasia.

⁶ Cf. o hesp.: En tierra de ciegos, el tuerto es rey.

⁷ Mais vale arrimar-se ao rico, embora que seja cruel do que ao pobre.

⁸ Cf. o hesp.: No es tan fiero el leon como le pintan.

⁹ Cf. *Revista lusit.* para 1887, p. 70 e *Zeitschrift für rom. Phil.* XIII 214-5.

32. Quem quizer ver o marido morto,
Dê-lhe lapas em Maio, e couves em Agosto.
33. Mulher que falla Latim, e mula que faz hein, é fuçir d'ella como de Caim.¹
34. Ha olhos inclinados a remelas.²
35. Pão e vinho faz do velho menino.
36. Pão de hoje, carne de hontem e vinho de outro verão, fazem o homem são.
37. Em casa onde não ha pão, todos pelem e ninguem tem razão.
38. Quem dá o pão, dá o ensino.
39. Tudo com pão faz o homem são.
40. Mais val pão duro do que figo maduro.
41. Pela lingua morre o peixe. Cf. o hesp. Por la boca muere el pez.
42. O filho d'um peixe nasce nadando.
43. Se fosse peixe frito, ficavas sem quinhão.³
44. Quem porfia mata caças.
45. Presumpção e agua benta, cada um toma o que quer.
46. Quem quer vae; quem não quer manda.
47. Cada roca tem seu fuso; cada terra tem seu uso.
48. Muitas cousas sabe a raposa.⁴
49. Quem ri á sesta (feira), chora ao domingo.
50. Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.
51. Trindades batidas, meninas recolhidas.
52. Não vende só quem não tem que vender.⁵
53. Lá vem uma vez que é de vez.

X. *Locuções populares.*

1. Tomar alhos por bugalhos.
2. Amen, João.⁶
3. Ficar de beiço caído.
4. Ter cara de quem não matou porco, = não estar contento.
5. Cegar o diabo, = fazer o que se quer.
7. Tomar chá forte, = namorar.
8. Cheirar o toucinho. Cf. hesp. oler el tocino.
9. São côcos de dois annos, = isso é já muito velho.
10. Ver a Deus por um pé.⁷
11. O diabo lhe meta rachas de cana nas unhas.⁸
12. É do tempo que arrebentou fogo em S. Jorge, = é muito velho.

¹ *Revista do Minho* para 1888, no. 9.

² Cf. o hesp.: Ojos hay que de legañas se enamoran.

³ Este proverbio, que significa o mesmo que *tarde piaste*, é muito commum na colonia pescadora de Gloucester, no estado de Massachusetts, mas não se conhece, segundo o que tenho podido alcançar, nas ilhas dos Açores. *Quinhão* pronuncia-se popularmente *cunhão*, como *esquipação* = *escupação*, *casquivano* = *casuvano*.

⁴ Cf. Coelho, *Revista d'ethnol.* p. 140.

⁵ Cf. Perde venda quem não tem que vender.

⁶ Diz-se por graça, para acabar com qualquer cousa.

⁷ Salvar-se com summa pena.

⁸ Cf. Sbarbi, *Refran. gen. esp.* II 55, 57: Meter puntas de leños muy agudas por entre las uñas y la carne.

13. O frade não leva tres em capella.¹
14. Pertencer á cofradia de S. Marcos, = ser marido cornudo.
15. O seu criado Mathias, = o seu servidor obediente.²
16. Nem muito para o mar, nem muito para a terra.³
17. Fazer uma cousa ao dia de São-Nunca á tarde.
18. Nem que me dêsse um olho para azeite.⁴
19. Pernas para que te quero.⁵
20. Não prestar para dar migas a um gato. Cf. o hesp. no estar para dar migas á un gato. DQ. II, c. 66.
21. Sair como d'uma redoma (manga) de vidro, = ser muito asseado.
22. Mas que sorna! = mas que graça!
23. Disse o tacho á sertã, tira-te para lá, não me enfarrusques.⁶
24. Sem mais tir-te nem guar-te, = sem cerimonia.

XI. *Trabà-lenguas.*

1. Um ladrilho muito bem ladrilhado, ha-de vir um desenladrilhador desenladrilha-o.
2. Comi um pato n'um prato de prata.

XII. *Dictados topicos.*

Aos apodos topicos açorianos já publicados por Th. Braga⁶ pôdem juntar-se mais os seguintes:

A classe trabalhadora de S. Miguel é conhecida como “o povo mais bruto das ilhas.” — Como aos habitantes de Agua de Páo na ilha de S. Miguel se lhes pergunta por chalaço: A porca já furou o pico?, chama-se a uma ilhota perto de Ponta Ferraria *pico furado*. — Aos habitantes do Pico dá-se-lhes no Fayal o apodo de *carneiros* por elles serem considerados muito grosseiros. — Uma cantiga diz:

Eu fui ao Pico, piquei-me,
Piquei-me lá n'um picão.
Se m'apilho no Fayal,
Nunca mais ao Pico, não.

A' gente de S. Jorge apoda-se-lhe de *tinhosos*. — Aos habitantes das Flores e do Corvo chama-se *corvinos*.

XIII. *Alcunhas.*

Como faz notar o snr. J. Leite de Vasconcellos n'um valioso artigo sobre as cantigas populares publicado na *Revista lusitana* para 1887, p. 147: “O povo de ordinario no seu trato familiar

¹ Diz-se quando já se tem soffrido muito e não se pôde soffrir mais.

² Foi-me communicado por um amigo meu natural da ilha das Flores. Cf. *Annuário* para 1882, p. 48.

³ Não ir aos extremos.

⁴ Emprega-se para dizer que não se fará uma cousa por nenhum preço.

⁵ Diz-se quando se corre com a maior velocidade.

⁶ Cf. o hesp. Dijo la sárten á la caldera, quitate allá, ojinegra.

não emprega os apellidos, e prefere servir-se de uma alcunha frizante a servir-se de um apellido.”

Aranheiro, Atóra, Arraias, Attentado, Anjola, Arrenegada.
Badella, Bandeirinha, Batatinha, Bate-canellas (= pernas), Battella, Bate-sóla, Bezugo, Brigue-mane (porque andou n'um brigue), Brindeira, Bóta-me-em-terra, Burra.

Cabelleiras, Caca, Cacáo, Cachaço, Calcanhar-de-farello, Cantinhas, Capão, Cá-para-baixo, Cara-linda, Carcereiro, Carneiro, Carrocha, Casaca, Cebolinha, Consola, Corrumenta.

Chalupa, Chieipa, Chinchinha.
Dezimeiro.
Escadinha, Estolha-gatos, Estragadinha.
Faidóca, Fardona (= mentirosa), Faz-tudo, Fome-negra, Frita-peixe.

Gaitada, Ganihas, Gato, Guelrinhas, Guinchinha.
José dos Infernos, Menino Jesus.
Macau, Malaguetas, Mata-porcos, Moreira.
Palhito (Palito), Pandeiro, Peito d'Amada, Pé-leve, Peixe-rei, Perna de Gallo, Pestana, Piolho, Polvro (Polvo), Porcalhona, Porco-negro, Pulguinha.

Quarta-feira.
Ramela, Ratinha, Roupita (porque vendia roupa), Rua alegre.
Sabana (porque veio da Savana); Sabe-nan-sabe, Sanfona, Sardinha, Sarrôa, Senhor dos Afflictos, Sete Carlos.
Testa, Thomas-das Botas, Toucinho, Toutinegras, Tres-vintens.

XIV. *Contos.*

1. O conto das tres gagas.

Não sei dizer se a seguinte versão d'este conto já tem sido colligida:

Uma mãe que tinha tres filhas gagas, probibi-as de fallarem com ninguem, a ver se as casava sem que se dêsse pelo defeito antes. Um visinho que já andava desconfiado por nunca ter tido occasião de fallar com nenhuma das meninas, lembrou-se de lhe ir bater á porta um dia que a mãe d'ellas tivesse sahido de casa. Se bem o pensou, melhor o fez. Bateu á porta; a mais moça abriu o postigo, encarou com o visinho e nada disse. Elle lhe pediu uma gotinha d'agua; ella lhe trouxe um pucarinho com agua; elle bebeu, e não vendo geito de apanhar palavra d'ella, deixou cahir o pucaro que immediatamente se quebrou. Ella na agonia disse: “Tutainho tebou-se.” A segunda que estava da banda de dentro e que ficava muito raivosa pela irmã ter fallado, respondeu: “Tubou tubá-se.” A terceira que ainda ficou mais raivosa, diz: “Totas matitas nhã mãe nan disse nam patasse; bem pinsi nem pali.” O visinho foi-se embora tirado das duvidas. [— “Pucarinho quebrou-se.” — “Quebrou, quebrasse.” — “Tolas malditas, minha mãe não disse que não fallassem; bem fiz eu que não fallei.”]

2. O caso d'alma d'outro mundo.

Era d'uma vez um tio que tinha um sobrinho a quem muito estimava e fez o seu herdeiro. Quando o tio estava proximo a morrer, despedio-se do sobrinho e prometeu vir visital-o no dia do seu casamento. Passados tempos o sobrinho casou-se. Ao sair da igreja uma velha lhe deitou o verso seguinte:

Um fuso com um carvalho,
Vós á noiva podeis dar.
Antes que volte o seu noivo,
Terá tempo de fiar.

Quando estavam ao jantar, ouviram-se grandes estrondos, que a todos assustou. Até mesmo os cavallos tentavam subir pelas paredes encima e relincharam. Tudo se socegou com a entrada do tio no quarto do jantar, que assistio ao jantar como se fôra d'este mundo. Levantou-se, despedio-se de todos e disse ao sobrinho que tinha um cavallo ás suas ordens para elle o acompanhar á sua casa, e elle voltaria no mesmo dia. Partiram ambos e chegaram ao céu aonde o tio lhe mostrou todas as bellezas que ahi existem. Depois disse-lhe: Volta para traz, só porque o teu cavallo sabe o caminho. No caminho vio a figura d'uma virgem subindo ao céu toda rodeada d'anjos. A' maneira que elle se aproximava da sua cidade, ia desconhecendo os caminhos; alguns eram tão selvagens que elle tinha de abrir passagem com a sua espada. Chegado á sua casa, ahi encontrou um convento em vez d'ella, bateu á portaria muito irado; pareceu-lhe a cabeçinha do guardião e perguntou-lhe o que queria. Elle respondeu que fazia alli o convento em vez da sua casa que tinha deixado de manhã. O guardião julgou-o louco e foi dar parte aos superiores. Um dos mais antigos ficando muito impressionado foi a portaria fallar com o louco e perguntou-lhe o seu nome. Ouvindo-o elle disse que havia justamente cem annos um infeliz casamento tinha havido d'um homem do mesmo nome e que a sua esposa tinha mandado construir um convento da casa, e que essa mesma esposa estava n'aquelle mesmo dia na eça. Elle olhou para a sua figura no verniz da porta e vio um grande velho muito corvado. Todos os annos lhe cahiram sobre elle n'aquelle instante. O fraçe ajudou a leval-o ao pé da difunta que elle reconheceu pela que tinha recebido havia cem annos. O tio sendo um homem de santa vida, fez que o sobrinho passasse uma vida tambem santa, e a figura que elle vio subindo ao céu era a alma da sua esposa virgem.

XV. *Superstições.*I. *Bruxas.*

As bruxas muitas vezes *empresam* as crianças, quando desejam vingarem-se dos paes. É sempre uma grande vergonha para a familia toda o terem uma criança empresada, pois prova que não sabem lutar contra as bruxarias.

Foi-me¹ apresentada uma criança embezada que morava no Chão-Fio do Fayal. A criança tinha tres annos, parecia mais uma especie d'aranha do que um ser humano. O ventre immenso e braços só pelle e osso. A criança esteve sendo tractada por uma bruxa que no fim de dois annos de lucta contra o poder da outra conseguiu *desembez* a criança. Eu vi a criança. Dos sete annos já andava, mas apresentando sempre vestigios da bruxaria, a cabeça demasiado grande.

2. O diabo.

Não se deve abrir a porta fóra d'horas sem se saber a quem, porque póde ser o diabo. — Na Horta¹, na ilha do Fayal, uma pobre mulher pelo nome Constancia ouviu um gato miar á sua porta. Julgando ser um seu, de quem gostava muito, foi abrir a porta. Immediatamente o diabo se enfiou n'ella. Fizeram-se todas as benzedouras a ver se lhe tiraram o diabo do corpo, mas não foi possível. Por annos esta mulher tem sido o abysmo² de todos que a vêem nos seus ataques. O bispo da Terceira visitando o Fayal fechou-se n'uma capella da Igreja do Livramento com alguns padres e esta mulher. Fizeram-se-lhe todos exorcismos, mas o diabo só os fez desesperar, e com difficuldade seguraram a mulher que só blasphemava horriavelmente e queria affogal-os com as mãos. Ainda hoje esta mulher soffre, e basta só fallar-lhe em erva poejo para o diabo tomar posse d'ella immediatamente, fazendo (ella) toda a sorte de caretas e querendo avançar a quem lhe falla.

¹ Estes casos foram-me communicados por uma senhora natural do Fayal.

² *Abysmo* emprega-se frequentemente no sentido de *espanto*, *grande admiração*.